

CAPÍTULO XXI – O SIGNIFICADO CÓSMICO DA PÁSCOA

PARTE 2

Mais uma vez chegamos ao ato final do drama cósmico que envolve a descida do Raio solar de Cristo na matéria de nossa Terra, que se completa no Nascimento Místico celebrado no Natal e, depois, na Morte Mística e na Libertação, que são celebradas logo após o Equinócio de Março, quando o Sol do novo ano inicia sua ascensão às esferas superiores dos céus setentrionais, depois de verter sua vida para salvar a Humanidade e revigorar todas as coisas sobre a Terra. Nessa época do ano, uma nova vida, uma energia intensificada circula com força irresistível nas veias e artérias de todos os seres vivos, inspirando-os e inculcando neles novas esperanças, novos anseios veementes de alcançar objetivos e uma nova vida, e impelindo-os para novas atividades pelas quais eles aprendem novas lições na escola da experiência. Consciente ou inconscientemente, tudo o que tem vida se beneficia desse manancial de energia fortalecida que transborda e revigora tudo o que tem vida. Até a planta responde com uma maior circulação da seiva, o que resulta em um crescimento adicional das folhas, flores e dos frutos, meios pelos quais essa classe de vida se expressa atualmente e evolui para um estado superior de consciência.

Mas, por mais maravilhosas que sejam essas manifestações físicas externas, e por mais gloriosa que possa ser chamada a transformação que converte a Terra de um deserto de neve e gelo num formoso jardim florido, tudo isso se torna insignificante diante das atividades espirituais que se efetuam paralelamente a ela. As características salientes do drama cósmico são idênticas, no momento, aos efeitos materiais do Sol nos quatro Signos Cardeais – Áries, Câncer, Libra e Capricórnio – pois os eventos mais significativos ocorrem nos pontos equinociais e solsticiais.

É realmente verdade que “*em Deus vivemos, nos movemos e temos o nosso ser*”¹. Fora d'Ele não poderíamos existir; vivemos por e através de Sua vida; nos movemos e agimos por e através de Sua fortaleza; ela é o Seu poder que sustenta a nossa morada, a Terra, e sem Seus incansáveis e inabaláveis esforços o próprio Universo se desintegraria. Somos ensinados que o ser humano foi feito à semelhança de Deus, assim como a compreender que, de acordo com a Lei de Analogia, possuímos certos poderes latentes dentro de nós que são similares àqueles que vemos tão poderosamente manifestados pela Deidade na obra do Universo. Isso desperta em nós um particular interesse no drama cósmico anual que envolve a morte e a ressurreição do Sol. A vida do Deus-Homem, Cristo-Jesus, foi moldada em conformidade com a história solar, e prenuncia de modo semelhante tudo o que pode acontecer ao Homem-Deus, a quem Cristo-Jesus profetizou quando disse: “*As obras que Eu faço vós fareis também, e maiores ainda.*”²; para onde Eu vou agora vós não podeis ir, mas depois podereis seguir-Me”.

A Natureza é a expressão simbólica de Deus. Ela não faz nada em vão ou gratuitamente, mas há um propósito por trás de cada coisa e de cada ato. Portanto, devemos estar alertas e observar cuidadosamente os sinais nos céus, pois eles têm um significado profundo e importante em relação às nossas próprias vidas. A compreensão inteligente do seu propósito nos permite trabalhar com muito mais eficiência com Deus em Seus maravilhosos esforços para a emancipação de nós, Onda de Vida humana, da escravidão às Leis da Natureza e, mediante essa liberação, alcançarmos a plena estatura de filhos de Deus – coroados com glória, honra e imortalidade, livres do poder do pecado, da doença e do sofrimento que agora encurtam nossas existências terrenas por causa da nossa ignorância e da inconformidade às Leis de Deus. O propósito divino exige essa emancipação, mas se essa emancipação vai ser alcançada

¹ N.T.: At 17:28

² N.T.: Jo 14:12

por meio do longo e tedioso processo da Evolução ou pelo caminho muitíssimo mais curto e rápido da Iniciação, depende da nossa vontade em cooperar. A maioria da Humanidade passa a vida com olhos que não veem e ouvidos que não ouvem. Segue absorvida em seus negócios materiais, comprando e vendendo, trabalhando e se divertindo sem a devida apreciação ou compreensão dos propósitos da existência e, ainda que tais propósitos se tornassem claros, é provável que dificilmente se conformasse e cooperasse em virtude do sacrifício que isso envolve.

Não é de se admirar que Cristo se dirigiu particularmente aos pobres e que Ele enfatizou a dificuldade dos ricos entrarem no Reino dos Céus, pois, mesmo até hoje, quando a Humanidade já avançou mais de dois milênios na escola da evolução, vemos que a grande maioria ainda mais valoriza as suas casas e terras, as suas roupas e vestimentas, os prazeres sociais, as festas e os banquetes do que os tesouros celestiais que são acumulados pelo serviço amoroso e desinteressado (portanto, o mais anônimo possível) ao irmão e à irmã que estão ao lado da pessoa e pelo autossacrifício. Embora possam perceber intelectualmente a beleza da vida espiritual, o desejo da pessoa em alcançá-los se torna insignificante quando comparado ao sacrifício exigido para obtê-los. Tal como o jovem rico, ela seguiria voluntariamente Cristo, não fora a necessidade de tanto sacrifício. Prefere prosseguir assim quando percebe que o sacrifício é a única condição que a conduziria ao Discipulado. Portanto, para tais pessoas a Páscoa é simplesmente uma ocasião de regozijo, porque representa uma mudança de estação, que convida a outros tipos de prazeres e diversões.

Mas, para aqueles que escolheram definitivamente o caminho do autossacrifício que conduz à Libertação, a Páscoa é o sinal anual que lhes é fornecido como prova da base cósmica das esperanças e aspirações deles.

Como S. Paulo afirma apropriadamente naquele glorioso capítulo XV da Primeira Epístola aos Coríntios³:

“E, se Cristo não ressuscitou, vazia é a nossa pregação, vazia também é a vossa fé. Acontece mesmo que somos falsas testemunhas de Deus, pois atestamos contra Deus que ele ressuscitou a Cristo, quando de fato não ressuscitou, se é que os mortos não ressuscitam. Pois, se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, ilusória é a vossa fé; ainda estais nos vossos pecados. Por conseguinte, aqueles que adormeceram em Cristo estão perdidos. Se temos esperança em Cristo tão-somente para esta vida, somos os mais dignos de compaixão de todos os homens. Mas não! Cristo ressuscitou dos mortos, primícias dos que adormeceram.”.

Mas, no Sol da Páscoa, que no Equinócio de Março começa a percorrer os céus setentrionais, após verter sua vida na Terra, temos o símbolo cósmico da veracidade da Ressurreição. Quando tomado como um fato cósmico, em conexão com a Lei de Analogia que relaciona o macrocosmo com o microcosmo, é uma garantia de que algum dia todos nós alcançaremos a consciência cósmica e saberemos positivamente, e por nossa própria experiência, que a morte não existe, e o que isso parece ser apenas uma transição para uma esfera mais sutil.

É um símbolo anual para fortalecer nossas almas no afã de fazer o bem, para que possamos tecer o Dourado Manto Nupcial necessário para nos convertermos em filhos de Deus, no sentido mais elevado e mais santo. É literalmente verdade que a menos que *“andemos na luz, como Deus na luz está, não seremos fraternais uns com os outros”*⁴; mas, ao fazermos os sacrifícios e prestarmos o serviço altruísta e desinteressado para ajudar a

³ N.T.: ICor 15:14-20

⁴ N.T.: IJo 1:7

emancipação da Onda de Vida humana, estamos construindo o Corpo-Alma de radiante luz dourada, que é a substância especial emanada do Espírito do Sol, o Cristo Cósmico e, também, emanada dele mesmo. Quando essa substância dourada nos revestir com a densidade suficiente, seremos capazes de imitar o Sol da Páscoa e voar para as esferas mais elevadas.

Com esses ideais firmemente impressos em nossas Mentas, o tempo da Páscoa se torna numa estação em que é necessário rever a nossa vida durante o ano que passou e tomarmos novas resoluções, no tempo que se segue, com vistas à promoção do nosso crescimento anímico. É uma época em que o símbolo do Sol nascente deve nos levar a uma compreensão profunda do fato de que somos apenas peregrinos e estrangeiros na Terra; que, como Espíritos (que é o que realmente somos), nosso verdadeiro lar está no Céu; e que devemos nos esforçar para aprender as lições desta escola da vida tão depressa quanto nos permitam os caminhos apropriados, de modo que, como o Dia da Páscoa marca a Ressurreição e a libertação do Espírito de Cristo dos planos inferiores, assim também possamos olhar continuamente para a aurora daquele dia em que nos libertaremos, permanentemente, das malhas da matéria, do Corpo de Pecado e da morte, juntamente com todos os nossos irmãos e todas as nossas irmãs em escravidão, pois nenhum verdadeiro Aspirante à vida superior conceberia uma libertação que não incluísse todos os que estivessem em situação semelhante.

Essa é uma tarefa gigantesca; a contemplação disso pode muito bem desalentar o mais valente coração, e se estivéssemos sozinhos não poderíamos realizá-la; mas, as Hierarquias Divinas, que têm guiado a Humanidade no Caminho de Evolução desde o começo da nossa jornada, ainda estão ativas e trabalhando conosco desde os Mundos siderais e, com sua ajuda seremos finalmente capazes de conseguir, de realizar essa elevação da Humanidade como um todo e alcançar uma realização individual de glória, honra e imortalidade. Tendo em nós essa enorme esperança, essa grande missão no

mundo, trabalhemos como nunca para sermos melhores homens e mulheres e que, por nossos exemplos, possamos despertar nos outros o desejo de levar uma vida que conduza à libertação.